



Vídeos Amadores, Poder e Vigilância em Foucault ¹

Ludimila Santos MATOS²

Luisa PROCKNIK ³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo a respeito da utilização de vídeos amadores como dispositivos de vigilância e poder. A popularização de dispositivos móveis com câmeras de baixa resolução embutidas, a Web 2.0 e a interatividade, a democratização das tecnologias e o receptor que se transforma em emissor, são temas abordados neste trabalho. As Novas Tecnologias digitais vêm transformando as rotinas dos usuários, colocando o tema no centro de importantes discussões acadêmicas atuais. Cinco vídeos amadores foram selecionados como objeto da investigação. Utiliza-se como base teórica conceitos foucaultianos de poder e vigilância e a cibercultura de Pierre Lévi, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault; Poder; Vídeos Amadores; Novas Tecnologias.

INTRODUÇÃO

Há aproximadamente 10 anos a Internet comercial vivencia um processo de consolidação no Brasil. Desde sua popularização, o desenvolvimento do “ciberespaço” (LÉVY, 2000, p.85) trouxe maciças modificações comportamentais. Um dos setores da sociedade que mais sofreu transformações e adaptações ao longo desse processo foram os meios de comunicação, seus modelos de disseminação e distribuição de informações e conteúdos e sua relação com os públicos.

Somente para contextualizar nosso trabalho, citaremos o modelo de comunicação conhecido por Shannon-Weaver, não sendo o objetivo deste estudo, aprofundar tal teoria. Durante as últimas décadas, destacou-se a teoria matemática da comunicação, na qual, segundo Mauro Wolf (2003, p.109) esta seria “essencialmente uma teoria sobre *transmissão* ideal das mensagens”.

¹ Trabalho apresentado no DT5 – Multimídia – NP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, email: ludimilasmatos@hotmail.com

³ Mestranda do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, email: luisap.rj@gmail.com



De acordo com o diagrama, a mensagem partiria de uma fonte de informação sendo transmitida por um veículo, no qual o conteúdo desta mensagem sofreria a ação de ruídos enquanto percorresse o canal de distribuição (problemas de transmissão), passando pelo receptor e, somente então, chegando a ser decodificada pelo destinatário. O modelo básico e simplista do Emissor → Receptor.

As Novas Mídias, resultantes do desenvolvimento ininterrupto das Novas Tecnologias, especialmente a partir da popularização da *World Wide Web*, vêm de encontro ao modelo Shannon-Weaver, que propunha um receptor passivo. A internet tem transformado algumas práticas exercidas até então pelos meios de comunicação com a instituição da interatividade.

Este trabalho pretende entender esse processo a partir da utilização de vídeos amadores pelos receptores e do poder da fala e da vigilância que os mesmos proporcionam. Tentando dimensionar as consequências na sociedade balizados, principalmente, por conceitos foucaultianos, sem se deixar influenciar por determinismos tecnológicos, mas também consciente de que há mudanças em curso que necessitam ser investigadas e compreendidas.

A WEB 2.0 E A INTERATIVIDADE

Para entender a conjuntura atual das produções audiovisuais amadoras, que corroboram a transmutação do receptor em emissor⁴, é necessário compreender o ambiente e o cenário que possibilitaram a efetivação desse novo paradigma nas comunicações. Aqui, adota-se o pensamento do filósofo Pierre Lévy, para quem

o termo *interatividade* em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. (LEVY, 2000, p.79)

Neste momento, os usuários da rede estão experimentando o que seria a segunda geração da Internet, a Web 2.0, que, de acordo com Alex Primo, “caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações” (In ANTUON, 2008, p.101). Surge um novo padrão de comportamento social

⁴ Neste trabalho, adotamos “emissor” como produtor de conteúdo, não apenas como interprete do cardápio de programação pré-estabelecido da grande mídia: “Mesmo sentado na frente de uma televisão, sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre diferente de seu vizinho”. (LÉVY, 2000, p.79)



consequente da Comunicação Mediada por Computador (CMC), através da troca e publicação de informações transformadas em *bits*⁵.

O novo ambiente da rede mundial ganhou diversas utilidades, entre elas, o foco do nosso estudo, a Internet é usada como um grande meio de comunicação sem censura, onde qualquer usuário pode disseminar qualquer conteúdo, seja em áudio, vídeo, texto ou uma hibridação de todos eles. A Web proporciona um espaço no qual os amadores podem “falar” e nesse ambiente que esses usuários/produtores têm buscado poder de discurso.

(...) uma série de novas ferramentas e aplicações povoa a Internet. Os blogs se multiplicam e crescem em importância como fonte de informação. As redes peer-to-peer se disseminam e a troca de arquivos torna-se incontrolável. A escrita coletiva das wikis se multiplica na esteira do sucesso da enciclopédia online Wikipedia. (ANTUON, 2008, p.20).

Em seu livro *A ordem do discurso*, resultado de sua aula inaugural no Collège de France, em 1970, Michel Foucault analisa o poder embutido na voz legitimada. Logo no início, o filósofo define discurso como um “objeto de desejo” (FOUCAULT, 1996, p.10). A voz contida nele traz os saberes e poderes para quem o domina. O mesmo autor descreve que, na sociedade moderna, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 1996, p.8-9).

Observa-se, diante da produção nervosa de vídeos amadores, por meio de dispositivos móveis dotados de uma câmera filmadora de baixa resolução, uma possibilidade de deslocamento na “vontade de verdade” proposta por Michel Foucault. O autor descreve uma mudança de foco nos discursos proferidos na época da Grécia antiga para os dias modernos. Antes, o discurso verdadeiro “era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido” (FOUCAULT, 1996, p.15). Na modernidade, o foco é o conteúdo, “a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, para o próprio enunciado” (FOUCAULT, 1996, p.15). Com os vídeos amadores, pode-se perceber uma valorização na forma como se fala, sempre em busca da realidade, sem a mediação dos meios tradicionais de comunicação.

⁵ Menor unidade de medida em relação aos dados utilizados por um computador. Cada bit indica um de dois diferentes estados, ligado (representado por 1) ou desligado (representado por 0). Combinação de códigos binários.



O discurso nos dias de hoje é mediado e legitimado pela mídia tradicional. A busca do receptor por um papel mais ativo é a busca pelo poder de dar seu ponto de vista, sem interferência de um mediador. Na rede, surgem discursos opinativos, de caráter pessoal, mas também um discurso sedento de realidade, que busca flagras e situações do dia-a-dia, espaços que as grandes empresas de comunicação não alcançam, sobre temas que não são do interesse de sua direção, ou mesmo para mostrar um outro ponto de vista da informação exibida pelas redes de notícia. As facilidades tecnológicas estabelecem um espaço ideal para essa proliferação de discursos, ao disponibilizar fácil conexão com rede de computadores, câmeras de celular, aparelhos de Mp3, etc.

OS VÍDEOS AMADORES E O PODER DO DISCURSO

Em fevereiro de 2005 é fundado na Internet o grande facilitador da disseminação de vídeos através da rede, o *YouTube.com*. O termo inglês *tube* é usado informalmente em relação à televisão. O *slogan* do site, *Tube yourself* (algo como “televisione você mesmo”), é um exemplo da busca do receptor pelo poder da palavra, antes exclusiva das grandes empresas de mídia e veiculada exclusivamente pelos meios de comunicação tradicionais, como televisão, rádios e jornais impresso.

Ao definir a busca pelo poder do discurso, Foucault inverte uma ideia marxista, que coloca em primeiro plano a necessidade de lutar pelo domínio econômico. O discurso, na ótica marxista, seria uma tradução dos sistemas de dominação e, portanto, só seria conquistado a partir de a tomada de poder pela massa. Enquanto para Foucault o discurso é “aquilo pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar”.

Michel Foucault foi considerado por muitos um anti-marxista por entender que grupos minoritários não tinham como objetivo principal em sua luta alcançar um domínio político e econômico. O tema é desenvolvido pelo filósofo no capítulo *O sujeito e o poder*, do livro *Michel Foucault -uma trajetória filosófica*. “Elas (lutas) não buscam o ‘inimigo mor’, mas o inimigo imediato. Nem esperam encontrar uma solução para seus problemas no futuro (isto é, liberações, revoluções, fim da luta de classe)” (FOUCAULT, 1993, p.234). Os grupos lutam por voz, pela posse da palavra. “Em suma, o principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto ‘tal ou tal’ instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder” (FOUCAULT, 1993, p. 235).

A mídia tradicional, é a grande detentora dos discursos e, com isso, tem o poder de definir situações, determinando o certo e o errado, o falso e o verdadeiro. Nos dias



atuais, porém já é possível perceber a descentralização de quem fala, dando ao receptor maiores possibilidades de interação e de domínio da palavra.

Um dos exemplos recentes onde fica fácil identificar um papel mais ativo do receptor está na divulgação de vídeos amadores feitos por iranianos contrários ao resultado das eleições no país.

Em junho de 2009, o Irã, um país de regime teocrático, passou a ser notícia em todo o mundo e nem a forte censura presente no país impediu a divulgação de imagens na web. Iranianos saíram às ruas para protestar e as mídias tradicionais, incluindo agências de notícias e grandes redes de televisão, foram proibidas de trabalhar no país. A divulgação dos fatos está acontecendo, portanto, de duas formas: através do discurso oficial, onde os dirigentes iranianos impõem sua legitimação e exigem do resto do mundo uma não-interferência em assuntos internos; e a segunda forma acontece com a publicação de vídeos amadores, que mostram as atitudes da polícia local, como a morte de uma manifestante, e o desejo de um povo de falar.

As novas tecnologias permitiram aos iranianos descrever a situação de acordo com seu ponto de vista. A quantidade de acessos no *YouTube.com*, alcançada pelos vídeos amadores começa a reconfigurar os modelos nas grandes empresas de mídia provocando a exibição de conteúdos audiovisuais de baixa qualidade técnica.

O vídeo-símbolo⁶ do movimento publicado na internet é o que mostra a morte de uma iraniana durante um dos vários protestos. Ela teria levado um tiro no peito e a câmera de um celular captura os 40 segundos anteriores a sua morte, mostrando cenas fortes, com sangue e desespero do pai da jovem. A repercussão na rede foi significativa (633.351 visitas⁷) e surgiram rumores de que uma das ações de coerção do governo oficial seria a retenção de aparelhos de celular com câmera de cidadãos suspeitos.

A tentativa de controlar a proliferação de discursos é descrita por Michel Foucault em sua aula e dividida em três formas de ação: “as que limitam seus poderes, as que dominam suas aparições aleatórias, as que selecionam os sujeitos que falam” (FOUCAULT, 1996, p.37). Foucault critica a forma como o discurso vem sendo analisado e diz que a causa para isso é uma “espécie de temor” (FOUCAULT, 1996, p.50).

⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=bbdEf0QRsLM>

⁷ Dados de 30/06/2009, às 02:03h.



Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso (FOUCAULT, 1996, p.50).

De acordo com o filósofo, há uma tentativa ocidental em diminuir o espaço do discurso, tornando-o apenas uma transição do pensamento à fala. Michel Foucault propõe novas noções de princípio regulador, para se entender melhor o mesmo. Ele deve ser analisado como um acontecimento e não ficar procurando seu ponto de origem. Deve-se levar em conta sua aparição em série em vez de situar o estudo em uma unidade específica. Entender a regularidade do discurso, e não seu caráter de originalidade. Finalizando, Foucault ainda destaca a importância em se pensar a condição de possibilidade, e não as possíveis significações ocultas por trás do que é dito. (1996, p.50)

Todas essas noções podem ser aplicadas ao estudo da proliferação de vídeos amadores na internet, especificamente, no site *YouTube.com*. A condição de possibilidade sustentada pelas novas tecnologias, por exemplo, é fator determinante para entender esse novo estatuto das mudanças de paradigma na forma de comunicar.

Outro exemplo é um vídeo publicado por um usuário que se apelidou no ambiente virtual de *TimothyDeLaGhetto2*⁸. Seu vídeo tem duração de quase cinco minutos e nele, o internauta expressa seu sentimento de dor com a morte de Michael Jackson, fato ocorrido no dia 25 de junho deste ano.

Timothy provavelmente não conseguiria expor publicamente seus sentimentos e opiniões não fosse o espaço, dito livre e sem censura, da *Web*. Assim como ele, diversos usuários transformam esse canal virtual em canal de disseminação de opiniões e reclamações sobre diversos assuntos.

Além da análise da possibilidade de Timothy falar com o público diretamente, vale observar o conteúdo do seu discurso. O usuário inicia sua fala justificando os motivos que o levaram a tornar público o seu sentimento. Observa-se uma necessidade de “falar” dos internautas ainda se adaptando às possibilidades dessa prática. Em seguida, Timothy explica o porquê do tema “morte do Michael Jackson”. Quando ele termina a defesa do seu direito ao discurso, começa o relato da importância do astro pop para ele e também relaciona o cantor às inovações no mundo pop atual.

⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=rtsC-zpE57M>



No fim do vídeo, Timothy canta um trecho de uma música do astro pop. E na sequência o usuário avisa aos que o estão assistindo que não irá tolerar comentários maldosos relacionados ao ídolo. Timothy que se sente ainda pouco à vontade, pelo menos em sua fala, e devido a tantas justificativas, ao ter o poder de “deletar” a opinião dos outros, deixa claro que irá usar dessa forma de coerção, se julgar necessário. Ele adquiriu o poder do discurso com uma câmera caseira, mas não admite que um discordante o faça. A nosso ver, é possível uma comparação direta com o caso do Irã. Afinal, nos dois exemplos, a condição de possibilidade se configura como importante indicativo da mudança do papel do receptor. Além disso, tanto os dirigentes do Irã e quanto Timothy, ao assumir a posição de detentor do discurso, pretendem usar seu poder de controle sobre os meios, isto é, sobre as novas tecnologias.

OS VÍDEOS AMADORES E A VIGILÂNCIA

A prática dos flagrantes com filmadoras caseiras é antiga, porém, rara, posto que o equipamento, mesmo caseiro, era caro. As dificuldades de produção, portanto, já eram limitadoras, assim como as de exibição. O intermédio das emissoras de televisão era indispensável para que esses conteúdos fossem exibidos e assistidos pela massa. O *YouTube.com* se utiliza da idéia de eliminar essa mediação.

São inúmeros os casos de vídeos amadores, produzidos por mídias digitais móveis, câmeras de baixa qualidade (resolução) disseminados pela Internet, não somente através do *Youtube.com*, como também por meio de outros sites hospedeiros, a exemplo do próprio *Google Vídeos*.

Tomamos aqui o conceito do *Panopticon* de Jeremy Bentham, apropriado por Foucault em seu *Vigiar e Punir* para tratar da vigilância por meio dos vídeos amadores. O filósofo dispensou esforços na identificação do modelo do *panopticon* na construção do olhar médico, e a “vigilância total dos corpos” (FOUCAULT, 1987, p.210)

No caso dos hospitais (...) era preciso evitar contatos, os contágios, as proximidades, e os amontoamentos, garantindo a ventilação e a circulação do ar; ao mesmo tempo, dividir o espaço e deixá-lo aberto, assegurar uma vigilância que fosse ao mesmo tempo global e individualizante, separando cuidadosamente os indivíduos que deviam ser vigiados. (FOUCAULT, 1987, p.210)

Foucault, no entanto, reconhece o conceito de vigilância contido no modelo da observação total nas prisões e escolas, relacionando-o com o sistema de punição, onde,



observar-se-ia o ambiente através de um ponto central, e este ponto seria instituído como “local do exercício do poder e, ao mesmo tempo, o lugar de registro do saber” (FOUCAULT, 1987, p.211). Porém, neste trabalho, o texto do filósofo se destaca, para tratar da vigilância digital, quando aborda o ideal de sociedade de Bentham, baseado nos preceitos de Rousseau para a Revolução Francesa, de

uma sociedade transparente, ao mesmo tempo visível e legível em cada uma de suas partes; que não haja mais nela zonas obscuras, zonas reguladas pelos privilégios do poder real; (...) que cada um, do lugar que ocupa, possa ver a sociedade (FOUCAULT, ANO, p.215).

No texto original de Bentham sobre o *Panopticom*, o autor sustenta que “cada camarada torna-se um vigia” (BENTHAN In FOUCAULT, 1987, p.215). Ainda para Foucault, o conhecimento de ser vigiado, além “de impedir as pessoas de fazerem o mal, tirar-lhes ia o desejo de cometê-lo” (FOUCAULT, 1987, p.217). Desta forma, entende-se que quanto maior a vigilância, menos faltas, transgressões seriam cometidas pelo indivíduo. Com a Internet, com o encolhimento das câmeras digitais e sua popularização, surgem novos, e inúmeros dispositivos de vigilância.

Temos dois exemplos pertinentes dessa idéia concretizada em vídeos amadores, produzidos por câmeras digitais de baixa resolução, que registraram um tiroteio na ladeira do morro Tabajara, em Copacabana, no Rio de Janeiro, em março de 2009. E outro flagrante, também com microcâmera digital, denunciando um esquema de corrupção na prefeitura de Curitiba, utilizado como base para uma reportagem exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 21 de junho deste mesmo ano.

No vídeo flagrante do tiroteio na subida do morro Tabajaras⁹, o internauta Pedro Gomes mostra a situação dos moradores que não conseguem voltar pra casa em função da troca de tiros entre polícia e traficantes. O autor do conteúdo amador, que se auto-intitula *Repórter Invisível*, pois não aparece nas imagens, incentiva a participação de outros usuários que estejam dispostos a produzir vídeos como o citado, de denúncia, ou de protesto.

No vídeo, Pedro faz perguntas aos moradores como se fosse apenas um passante. O repórter, invisível na imagem, se faz presente durante as perguntas, ao dar sua opinião aos moradores com quem mantêm uma conversa. O repórter diz “tem que matar esses vagabundos todos” e, na sequência, aparece uma frase sobre as imagens que manda um

⁹ <http://www.youtube.com/watch?v=Sb3R2poB9Gg>



recado para o traficante, que seria o articulador do tumulto, o que demonstra uma não-objetividade jornalística pelo repórter: “Caro Sr. Traficante NEM, devo informar-lhe que muito em breve ou você vai para a vala (morrer) ou vai ser preso”. Observa-se, portanto, que Pedro não parece querer apenas retratar a realidade de forma mais direta possível. Mas também se colocar como um vigilante da sociedade, ao fazer vídeos que denunciam situações irregulares ou especiais do dia-a-dia.

A tese pode ser comprovada ao assistir outros vídeos de Pedro¹⁰. Ele filma guardador de carro que não usa seu talão de forma adequada. Na cidade do Rio de Janeiro todos os guardadores devem preencher uma folha com os dados do carro e colocar no pára-brisa do veículo. Dessa forma é possível fazer um controle do número de carros e do dinheiro que os guardadores devem repassar à Prefeitura. Pedro também mostra a situação irregular de estacionamento no centro da Cidade, perto do cinema Odeon¹¹. E em outro vídeo aparece o ‘jogo do bicho’, prática ilegal no país, em frente à Guarda Municipal¹². Neste filme, ele demonstra sua opinião de forma ainda mais direta. Sem áudio ambiente ele sonoriza a reportagem com uma música que passa a sensação de que está sendo exibido algo engraçado e agradável de ver. Dessa forma, ele deixa claro, não só com a música, mas também com frases escritas sobre as imagens, que a situação é uma “comédia”.

Retomando o primeiro vídeo de Pedro, que mostra moradores na subida da Ladeira dos Tabajaras, vale citar uma das primeiras imagens da reportagem, onde um fotógrafo tem sua câmera retirada e o filme apagado por moradores que não querem aparecer para a mídia. Pedro, portanto, só consegue atuar em seu papel de vigilante ao portar uma microcâmera escondida.

O outro exemplo é a reportagem¹³ do *Fantástico* que mostra vereadores de um partido de Curitiba, o PRTB, até então contrários ao prefeito, que teriam passado a apoiá-lo. A primeira imagem é o próprio prefeito, Beto Richa, comemorando o fato. Em seguida, a reportagem continua no escritório de Alexandre Gardolinski, coordenador do comitê do PRTB, supostamente pagando vereadores pelo apoio ao prefeito. Na gravação, ainda aparece o ex-vereador Manasses de Oliveira assinando recibos e falsificando números de identidade e de registro de pessoa física.

¹⁰ http://www.youtube.com/watch?v=n_T-k3VTKRU&feature=channel_page

¹¹ <http://www.youtube.com/watch?v=wACTxVBPL98>

¹² http://www.youtube.com/watch?v=LY9qZ9p-lno&feature=channel_page



Todas as imagens gravadas na sala de Gardolinski foram feitas pelo próprio, que utilizou uma *webcam* (é perfeitamente identificável que a imagem é produzida por um dispositivo de baixa resolução), facilmente encontrada em qualquer loja de produtos eletrônicos e mesmo em ambulantes. Ele a posicionava sempre voltada para os vereadores, que não tinham como saber que estavam sendo gravados. O curioso nesse caso é o desfecho. As imagens feitas por Alexandre não foram entregues ao *Fantástico* pelo mesmo e sim por um terceiro, que não quis se identificar. Gardolinski, de acordo com a testemunha, teria gravado tudo com medo de um dia ser afastado do cargo por Manasses e, dessa forma, teria um material de chantagem.

A LEGITIMAÇÃO

A confiabilidade de uma produção amadora, no entanto, precisa de legitimidade para que a sociedade confie no que está assistindo. A mídia tradicional alcançou a legitimidade num relacionamento de anos com seu público. Além disso, é vigiada por instituições sociais que também participam do processo da legitimação desse discurso. Utilizando mais um conceito de coerção de Michel Foucault, especificamente no controle do autor, as grandes empresas de comunicação se enquadrariam nas regras que condicionam o funcionamento do discurso.

Porém, sob influência das modificações culturais ocorridas no momento pós-digital, em consequência da maleabilidade das informações digitais, observa-se mudanças na grande mídia e em seu comportamento com seus públicos. No caso dos vídeos amadores, esses conteúdos vêm sendo timidamente inseridos na programação de telejornais nas mais diversas emissoras. Seja como complemento, ou como base de uma matéria jornalística como no caso da denúncia em Curitiba no *Fantástico* e dos vídeos feitos pelos iranianos em diversos outros jornais. Ainda, que tenhamos falado sobre o poder do discurso através da divulgação dos vídeos amadores em sites como o *Youtube.com*, ainda fica a encargo da mídia tradicional a legitimação desse conteúdo.

Um caso emblemático dessa nova configuração dos sujeitos em relação à mídia é a publicação de conteúdos caseiros, sem cunho noticioso, no mesmo programa da Rede Globo, o *Fantástico*, que abre uma porta considerável para a disseminação de vídeos amadores de usuários da *Web* que têm “vontade de verdade” ou “vontade de poder”. No site do programa¹⁴ há um convite para a audiência, no link “Vc no Fantástico”: “O

¹⁴ <http://www.globo.com/fantastico>



Fantástico está esperando o seu vídeo! Mande pra gente! Pode ser da sua máquina digital, da filmadora, do celular! Participe!”. No entanto, os vídeos não possuem caráter jornalístico, de vigilância ou denúncia, mas uma busca por voz. O que nos leva a concluir que, mesmo com o livre território da Internet à disposição, ainda há a crença do poder legitimador dos grandes meios de comunicação. Não basta “aparecer” na Internet, ainda é necessário “aparecer” na televisão.

Dos vídeos de participação dos internautas, nenhum permanece hospedado no site da atração dominical. Esse conteúdo é lançado antes do programa ir para os intervalos. Geralmente o conteúdo é constituído da opinião do telespectador/internauta sobre algum tema abordado em alguma matéria do jornal, ou simplesmente com algum depoimento de admiração pelo programa.

Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo (FOUCAULT, 1996, p.37).

O território livre da internet e falta de estatutos de funcionamento são, portanto, alguns dos fatores responsáveis pela desconfiança sobre os discursos lá publicados.

A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes (FOUCAULT, 1996, p.38)

Mas dentro da própria rede aparecem movimentos de interferência e mediação que investem em instituir uma estética de credibilidade ao que se assiste. Temos por exemplo o vídeo *blog* denominado *Citizen Tube*. “Steve”¹⁵ é o apresentador da idéia que consiste em agrupar vídeos políticos publicados no *YouTube.com* em dois espaços separados: um vídeo blog e um blog.

O *Citizen Tube* começou em 2007. No ano seguinte, Steve grava outra chamada fazendo um balanço do primeiro ano de funcionamento e conclui, com tradução livre da sua fala, que “é impossível lidar com tantas publicações de vídeos políticos”, mas que eles estão tentando fazer o melhor trabalho possível.

Steve mostra como o espaço foi ampliado para a publicação de vídeos e usa o termo em inglês *highlight* para dizer que o objetivo é ter os vídeos mais importantes em destaque no blog. Steve reforça que a participação do público é importante, sugerindo uma

¹⁵ Usuário que assina o site.



interação em cima de interação, já que são os próprios internautas que enviam os vídeos. Ele finaliza incentivando a participação na escolha dos vídeos mais importantes e também no caso de produções pessoais, quando ele expressa: “ou mesmo se forem feitos por você e você achar que eles devam ter maior reconhecimento”.

Para que organizar um território supostamente livre e igual para todos? Decidir o que deve ou não ganhar destaque não seria uma forma de interferir na livre publicação e mudar o caráter sem mediação proposto pelo site *YouTube.com*?

CONCLUSÃO

A possibilidade do discurso é de fato uma democratização dos meios de comunicação? Ou seria precipitado falar sobre isso, considerando que a mediação das grandes empresas existe e é muito forte, mesmo na internet? São perguntas sem repostas ainda fundamentadas, considerando que o objeto de estudo deste trabalho é consequência de um processo em curso.

Nossa constatação corrobora o pensamento de Foucault da luta pelo discurso. A utilização dos vídeos amadores como dispositivos de vigilância ou dispositivos de voz explodiu na rede mundial de computadores. Os mais diversos conteúdos podem ser divulgados por qualquer pessoa com acesso à Internet, desde textos simples, a imagens mais complexas como vídeos. A *World Wide Web* se apresenta como um grande meio de comunicação sem intermediação de uma direção, ou uma equipe que filtre as informações, modelo presente nas práticas da mídia tradicional.

O ambiente virtual da troca de dados possibilita voz, poder de discurso aos detentores de uma tecnologia específica. Para descarregar qualquer conteúdo na rede é necessário o mínimo de conhecimento em informática, Internet e conhecimento também no manuseio de equipamentos com funções de captura audiovisual. Estaríamos vivenciando um processo de democratização do poder do discurso? Ou percebendo mais uma forma coercitiva do discurso, ao instituir a categoria de ‘excluídos digitais’?

Posto que, para ter acesso a esse novo ambiente há a necessidade de aparato digital e conhecimento específico, diríamos que o poder do discurso, o “lugar de registro do saber” (FOUCAULT, 1987, p.211) continua, de certa forma, reformulando uma nova organização de poder. Tem direito a fala apenas quem tem o domínio da nova tecnologia. Ao considerar um país como o Brasil, cujas características são constituídas de desigualdades sociais, pode-se entender o motivo de a televisão e o rádio ainda serem os canais mais populares e legitimadores de notícias e entretenimento.



Dos exemplos aqui apresentados, apenas os vídeos iranianos e as imagens feitas no gabinete do PRTB em Curitiba chegaram ao conhecimento do grande público, já que foram os únicos exibidos pela mídia tradicional. Timothy, Pedro Gomes e Steve tem o poder da fala, é fato, no entanto, ainda com poder de alcance para pouco número de internautas, se compararmos com o poder de um telejornal transmitido por qualquer canal aberto de televisão.

Conclui-se, portanto, que mesmo com um forte indício de descentralização do discurso, este ainda é regulado por diversas práticas sociais e restrito apenas aos detentores de conhecimento e de poder econômico. As massas no Brasil ainda se concentram nos meios tradicionais e sua atividade permanece no poder de negociar sentido no momento da recepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTON, Henrique. **De uma teia a outra: e explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa.** IN: AUNTON, Henrique. **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

CITIZENTUBE. **Announcing the citizentube blog: www.citizentube.com** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8SWOYyJ3-Y4>>. 2008. Acesso em: 27 de jun. 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 11^a ed., 1996.

_____. **O sujeito e o poder.** IN: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault - uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Estado Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1993. P.231-149.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 2 ed, 2000.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** In: ANTON, Henrique. **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

TIMOTHYDELAGHETTO2. **(RE UPLOAD) Michael Jackson. Legend.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rtsC-zpE57M>>. 2009. Acesso em: 26 de jun. 2009.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. - (Coleção Leitura e Crítica)